

## POLÍTICA DO CABELO: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO CAMPUS ARAGUAÍNA

**Blenda Pereira Cardoso <sup>1</sup>, Davi Costa Amorim <sup>1</sup>, Marcos Danilo Barbosa Pajeú <sup>2</sup>, Maria Karollyna Grecco Evangelista <sup>1</sup>, Hélio Márcio Nunes Lacerda <sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Discente do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio - IFTO Campus Araguaína. E-mail: <[blendabeatriz1112@gmail.com](mailto:blendabeatriz1112@gmail.com)>; <[davicostaamorimescola@gmail.com](mailto:davicostaamorimescola@gmail.com)>; <[greccokarollyna@gmail.com](mailto:greccokarollyna@gmail.com)>

<sup>2</sup>Discente do Curso Técnico em Biotecnologia Integrado ao Ensino Médio - IFTO. Campus Araguaína. E-mail: <[eudanpajeu@gmail.com](mailto:eudanpajeu@gmail.com)>

<sup>3</sup>Professor EBTB Letras – IFTO-Campus Araguaína. Mestre em Ensino de Língua e Literatura. E-mail: <[helio.lacerda@ifto.edu.br](mailto:helio.lacerda@ifto.edu.br)>

**Resumo:** Este trabalho surge a partir da implementação da lei 10.639/03 que inseriu o ensino de cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar. Investiga o uso do cabelo afro nos espaços do IFTO-Campus Araguaína. Do ponto de vista metodológico, procedemos da seguinte maneira: aplicamos questionário semiestruturado com 5 (cinco) perguntas relacionadas ao cabelo. Com os dados gerados, passamos a análise, mobilizando alguns teóricos que discutem racismo no Brasil: Gomes (2011), Martins (1999), e Carneiro (2003). A pesquisa aconteceu no IFTO-Campus Araguaína com estudantes do curso de Ensino Médio e Análises Clínicas. Os resultados dão pistas de ser o cabelo crespo símbolo de resistência de estudantes negros no Campus, ensaiando passos que podem levar à romper com a estética eurocêntrica predominantemente branca.

**Palavras-chave:** Cabelo, Identidade, Negro, Lei 10.639/03.

### 1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho parte da lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo oficial. Apresentamos aqui, nossa contribuição para avançarmos no combate ao racismo que vitima o povo negro no Brasil há, pelo menos, 500 anos. Essa pesquisa surge, então, a partir das ações que o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas-NEABI promovem no Campus Araguaína. Desde 2014, o Campus Araguaína promove um seminário anual que encampa pesquisas, palestras, oficinas e rodas de conversa para debater o racismo, escravidão, desigualdade social, políticas públicas de afirmação e estratégias de enfrentamento do racismo. Os autores(as) aqui são membros do Núcleo e participam, com alguma frequência, das intervenções promovidas no Campus. Usaremos aqui a sigla NEABI para se referir ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. O NEABI surge, institucionalmente, a partir de Novembro de 2016. Havendo, porém, atividades voltadas às questões étnicas desde 2014, quando da realização da I Semana Negra de Estudos Étnico-raciais. O Núcleo surge, então, para formalizar um conjunto de ações que, felizmente, já ocorria, dando-lhe um caráter permanente e institucional. O seminário anual anteriormente referido chama-se Semana Negra de Estudos Étnico-raciais e já está na 5<sup>o</sup> edição. O NEABI, criado pela portaria 238/2016, é formado por docentes e discentes do IFTO e também de outras instituições. O grupo se reúne semanalmente às Quartas-feiras, depois da aula no período vespertino. O coordenador do NEABI seleciona pesquisas, filmes e textos que tem a ver com a proposta do Núcleo, e socializa previamente. No dia do encontro, em círculo, acontecem debates sobre o mesmo, relacionando-o ao contexto araguainense.

Essa pesquisa, surge a partir da existência de estudantes negros(as) que estão passando por transição capilar no Campus, tendo o NEABI como elemento de mobilização de afirmação da

negritude. Vale ressaltar que o cabelo é um tema debatido com frequência no NEABI, que já promoveu algumas palestras e roda de conversa sobre cabelo Afro. Usaremos aqui, o termo cabelo Afro para nos referirmos ao cabelo crespo e cacheado. A partir da aplicação de questionário semiestruturado, respondidos por discentes de três cursos: Ensino Médio Integral Integrado à Informática, Biotecnologia e Análises Clínicas, discutimos os dados com base em Gomes (2011), Martins (1999), e Carneiro (2003). Este trabalho objetiva: 1) investigar o cabelo afro no Campus Araguaína; levantar dados sobre o uso de produtos químicos capilares usados pelos discentes; e discutir o racismo em suas mais diversas manifestações cotidianas. Sendo aqui o cabelo alvo de olhares de reprovação e fonte de dor, mas também de resistência e empoderamento de jovens negros.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

É crescente a produção de pesquisas sobre a escravidão e suas marcas na sociedade brasileira, havendo, assim, o reconhecimento de que a desigualdade atual entre negros, indígenas e brancos é fabricada na história colonial e alimentada diariamente a fim de que os brancos permaneçam no topo da pirâmide social. Esse grupo racial que domina as esferas econômica, política e cultural estabeleceu sua supremacia com extrema violência, não apenas física, mas sobretudo simbólica. Se, no início, a dominação se dava através das armas de fogo, do chicote e dos castigos de toda espécie, hoje parece ter mudado suas táticas para se fazer mais sutil, e nem, por isso, menos violenta. As elites brancas, após 1888, não trataram de inserir os recém-libertos na sociedade de classes. Pelo contrário, fizeram deles libertos e abandonados. Situação de dupla exclusão.

Nossas elites optaram por não inserir as populações afro-descendentes no mundo do trabalho através de políticas de inclusão. Buscaram nas massas trabalhadoras empobrecidas da Europa a mão-de-obra que, segundo se acreditava, faria do país uma grande nação, não apenas pelo trabalho, mas pela superioridade racial de que os brancos seriam possuidores. Levantamos a hipótese, a partir de Gomes (2011), de que nesse período começam as políticas de branqueamento que eliminariam, aos poucos, os traços de matriz africana no Novo Mundo. As teorias raciais da época apontavam que países europeus eram avançados, não porque pilhavam outros continentes, mas porque eram portadores de uma superioridade racial nata. E que, por isso, dominavam justamente partes do Globo onde os habitantes eram inferiores.

Os discursos das teorias raciais chegaram ao Brasil e até hoje existem. A partir delas produzimos palavras e sentidos pejorativos para se referir aos traços negros, e palavras e sentidos positivos para os brancos. A partir do etnocentrismo europeu, pode-se notar o quanto ocorreu um enaltecimento dos padrões de beleza euro-descendente. Tendo, de propósito, a intenção de embranquecer a população no Brasil, para que se aproxime, o máximo possível, da Europa. Este fato,

como já citado acima, está intimamente relacionado ao colonialismo e a escravidão, elementos fortemente presentes na história de formação do Brasil.

Com o fim da escravidão no Brasil, os negros não deixaram de estar às margens da sociedade, e aos poucos aquele racismo explícito da escravidão passa a se tornar estrutural, ou seja, se escondeu na vida cotidiana das pessoas, mas nunca deixando de subjugar o negro. Com esse racismo entranhado e nunca enfrentado, é possível destacar, hoje, a participação das grandes empresas que bancam a mídia e que baseados nos padrões de beleza europeus, vendem um ideal de beleza branco, baseado no cabelo louro, liso, magreza, narizes e lábios finos.

Nesse sentido o cabelo afro não participava do padrão de beleza vendido e propagado, o que resultou numa espécie de demonização do mesmo, fazendo as pessoas negras esconderem e negarem suas raízes Afrodescendentes. Em termos da estética tida como bela, as pessoas de cabelo afro realizavam tratamentos químicos para alisar seus cabelos, em busca de entrar no padrão vigente.

Este período perpetuou durante muito tempo, violentando gerações de pessoa com cabelos afros, na maioria dos casos, mulheres negras. Então, com as políticas públicas tomadas na última década e com a popularização da internet este cenário parece começar a ser questionado. Nas redes sociais, diversos internautas dividem conhecimento de como cuidar e tratar do cabelo afro, gerando pequenas, mas importantes mudanças. Num primeiro momento este fato parecia estar somente relacionado à estética, mas dentro deste cenário inicia-se uma discussão sobre racismo, e o cabelo Afro começa a ser utilizado como uma bandeira de luta dos movimentos negros.

O padrão eurocêntrico imposto tem sido o instrumento ideológico, por meio do qual o racismo destrói o corpo negro, começando pela autoestima das crianças negras, especialmente das meninas, vítimas do alisamento e da “chapinha”. Na busca por aceitação social, o preço cobrado é o apagamento dos traços fenotípicos, dos quais, o cabelo, parece ser um dos primeiros a ser castigado com produtos químicos. Engrossando o discurso de beleza hegemônico, temos a mídia que diariamente nos enche de promessas, *marketing* e novos produtos para retirarem a forma e estrutura do cabelo crespo e cacheado, prometendo amenizar a discriminação dos que sofrem esse tipo de rejeição. Ressaltamos que o surgimento e fortalecimento dos movimentos sociais negros, frutos de políticas públicas de inclusão social, desenvolvidas na última década por governos populares, fazem do cabelo crespo uma extensão do corpo e um elemento de empoderamento da identidade negra.

O corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo. Estamos diante de uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo que é natural, o corpo é também simbólico. Ele pode ser a “referência revolucionária da universalidade do homem no

contraponto crítico e contestador à coisificação da pessoa e à exploração do homem pelo homem na mediação das coisas” (MARTINS, 1999, p. 54).

Temos, então, na cabeleira crespa e cacheada a junção e a sobreposição do mundo das representações e da identidade. Onde para a comunidade Afrodescendente este é o seu instrumento de identidade, resistência e anseio revolucionário. O uso do cabelo natural no Campus Araguaína passa, então, a ser instrumento político de afirmação de si e do grupo que com ele se identifica.

Dentro da discussão iniciada pelo movimento negro de décadas atrás, pode-se destacar o feminismo negro, que nos anos de 1980 iniciou uma forte discussão sobre o papel e lugar da mulher negra no Brasil.

As mulheres negras possuem referenciais que não podem ser consideradas universais e sim específicas a esta categoria, como afirma Carneiro; A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero, conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil (CARNEIRO, 2003, p.10).

Tendo em vista discussões geradas pelas mulheres negras década de 1980, que discutiam sobre o posicionamento da mulher negra no Brasil, pode-se concluir que inicia-se então uma discussão sobre como a sociedade enxerga o corpo feminino negro, abrindo margem para as seguintes questões: por que mulheres de cabelo crespo deveriam reprimir a textura de seus fios, e nesse sentido essa discussão vai além das mulheres, levando parte dos os homens negros a questionar as razões de terem seu cabelo crespo raspado.

A aceitação por parte de algumas pessoas gerou movimentos em apoio da causa, com isso muitas pessoas decidiram passar pela transição (processo pelo qual opta quem tem como objetivo recuperar o cabelo natural) e a partir desta, iniciar a aceitação de outras características, como uma forma de autoconhecimento e de resistência. Com a crescente utilização da internet, muitos indivíduos têm acesso a informações que auxiliam em suas transições capilares, nesse contexto surgiram *blogs* e canais que incentivaram a busca pelo cabelo natural. Nesses blogs são relatadas experiências, divulgada informações, tiradas dúvidas, marcando encontros para realizar debates e, principalmente, reforçar a aceitação. Quem decide passar pela transição geralmente recorre a estes meios para obter incentivo e informações, o que dá a este recurso uma grande importância, pois suas contribuições são de grande valor para os movimentos, causas e manifestações

### 3 METODOLOGIA

Em termos metodológicos, procedemos da seguinte forma: elaboramos um questionário semiestruturado e aplicamos à discentes de 3 (três) cursos distintos: Ensino Médio Integral Integrado à Informática, Ensino Médio Integral Integrado à Biotecnologia e o curso subsequente de Análises Clínicas. Usamos também dados gerados em uma roda de conversa realizada pelo NEABI sobre cabelo crespo, anotando algumas experiências relatadas ali. Entre os colaboradores(as) da pesquisa. Cada indivíduo foi devidamente informado e esclarecido de que se tratava de uma pesquisa a fim de investigar o(s) uso(s) do cabelo natural, contrapondo-o ao discurso do embranquecimento. Foi-lhes entregue uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que nos permitia usar os dados, feitos a partir do questionário e usá-los para a confecção do artigo. Todos os termos foram assinados pelo orientador, o próprio entrevistado e os responsáveis legais dos estudantes. Lançamos mão também de pesquisa bibliográfica para discutir os dados. Após o término das entrevistas, os dados, a seguir, organizados em gráficos, foram analisados e discutidos.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

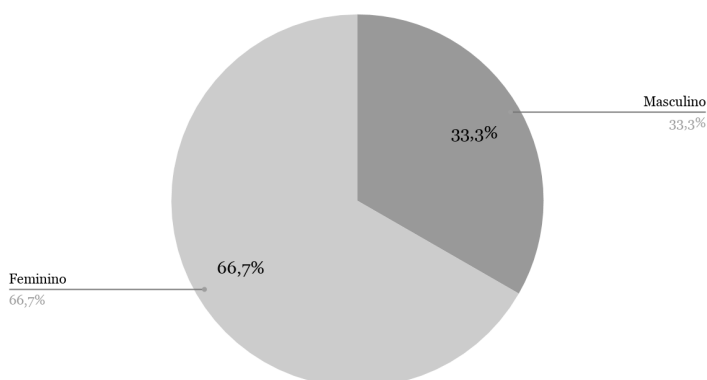
É imensa a quantidade de pessoas que relatam o uso da química como uma solução para reduzir o tempo gasto com o cabelo afro e amenizar os comentários negativos que receberam no período em que optaram por mantê-lo natural. Os que justificam o uso de produtos químicos para modificar a estrutura capilar em busca de reduzir o volume que seus cabelos possuem, em grande parte são capazes de mencionar algum momento em que foram reprimidos por possuírem tal textura, e se questionados sobre qual a memória mais antiga que aguardam a respeito, o ambiente em que esta irá transcorrer, será um meio familiar ou até mesmo em uma escola. Como afirma Gomes:

O cabelo crespo foi visto durante muito tempo como característico de pessoas desleixadas. É comum as primeiras experiências discriminatórias e pejorativas acontecerem no ambiente escolar (GOMES, 2011). Não raro, o ambiente escolar se torna o lugar onde crianças negras sentem as dores dramáticas de serem quem são e ter o cabelo Afro, dando seguimento a discriminação e até naturalizando-a como norma social. O comportamento hostil dos pais em relação aos cabelos crespos e cacheados é captado pelas crianças e repassado pelas mesmas.

Apesar de toda a luta pela aceitação ainda há uma parcela da população que acha que “o cabelo cacheado está na moda”. Este tipo de comentário desconsidera que algo tão importante como uma informação genética possa ser tratada como tal. Não nos parece uma questão de moda, não é sair

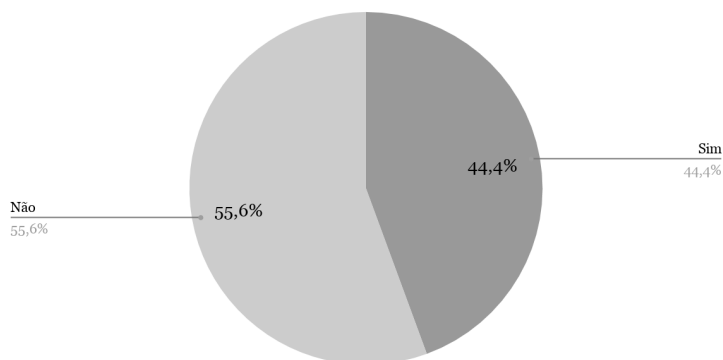
de um padrão para se afundar em outro, e, sim, assumir suas características, de haver aceitação de um traço seu, a busca pela identidade. Todos que passaram pela transição, só chegaram a realizá-la devido às revoluções que houveram no passado, ou seja, houve um grande processo para chegar a estes resultados, que não tinha como objetivo contribuir para a formação de um novo padrão. Nos últimos tempos, os pequenos, mas significativos avanços em relação ao cabelo Afro, algo que foi tão almejado, vem sendo apropriado pela mídia como mero instrumento da moda.

Em relação ao gênero, como você se identifica?



De acordo com o gráfico acima houve uma maior participação do público feminino, ao que parece, as mulheres estão mais sujeitas à processos químicos, devido ao fato de essas sofrerem uma maior imposição dos padrões estéticos, isso ocorreu pois foi imposto que estas devem manter o cabelo longo, porém este não deveria apresentar uma textura afro. Sendo assim mais da metade dos entrevistados são do sexo feminino (66,7%), enquanto o sexo masculino representa apenas 33,3% dos entrevistados.

Você já realizou algum tipo de processo químico que alterasse a textura seu cabelo?

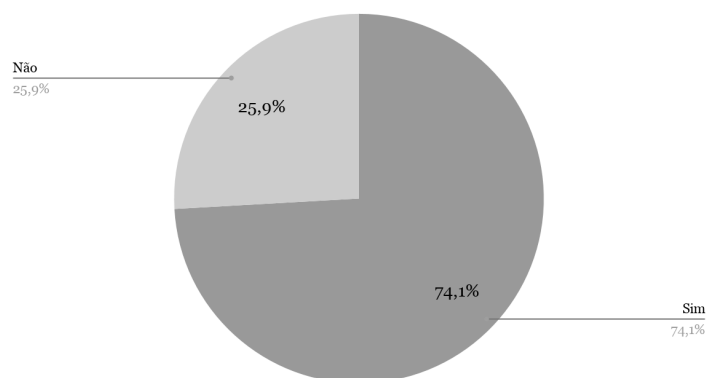


Já na questão de realizar procedimentos químicos para alterar a textura e forma dos cabelos, vemos aqui, que, 55,6% dos entrevistados não realizaram nenhum procedimento que alterasse a textura dos fios capilares, ao passo que 44,4% dos entrevistados afirmam ter mudado a textura do fio.

Nesse cenário, cabe questionarmos se tal porcentagem teria haver com o fato de que, parte dos entrevistados nasceram depois dos anos 2000, ou seja, depois das políticas públicas voltadas à população Afrodescendente, democratizando acesso à universidade pela juventude negra, e pelo ativismo nas redes sociais. Essa possibilidade nos indica que, se a pesquisa tivesse sido realizada com alvo nas pessoas dos anos de 1980 ou 1990, as porcentagens seriam diferentes. Outro fator de grande importância é a idade em que alguns dos entrevistados afirmaram ter realizado algum procedimento químico capilar.

No gráfico a seguir, temos a quantidade de entrevistados que identificam seu cabelo como Afro (fios crespos e cacheados), esta pergunta buscava identificar a porcentagem de presente dessa textura assim como observar o reconhecimento por parte destes. A grande maioria afirma que seus cabelos são afros.

Você identifica seu cabelo como Afro ?

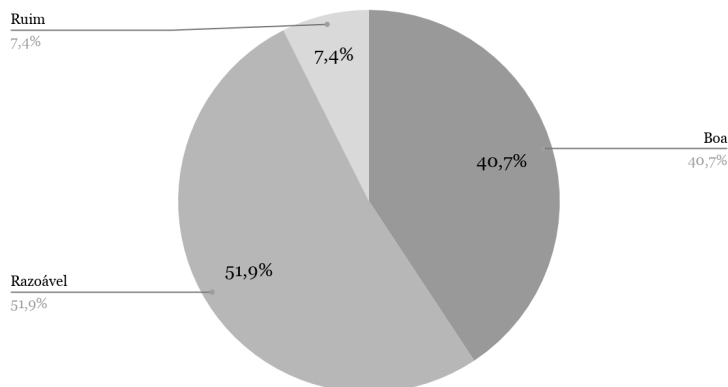


Durante o tempo em que os entrevistados respondiam esta pergunta, destacamos 3 fatos que destoam dos demais. O primeiro: boa parte dos entrevistados não sabia o que seria um cabelo Afro, e pediam aos entrevistadores que lhes explicassem. O segundo fato, é que os entrevistados, homens, na sua grande maioria, possuíam cabelos muito curtos. Em um dos casos, um entrevistado negro, de cabelo curto perguntou o que seria um cabelo Afro, explicamos que, aqui, seriam cabelos crespos e cacheados. O entrevistado então refletiu durante um tempo, ao que nos disse não ter um cabelo afro, mesmo que seu cabelo apresentasse uma textura que alguém poderia indicar como sendo crespo.

A terceira é a negação, esta foi notada no momento quando uma entrevistada perguntou o que é Cabelo Afro, e mesmo que a entrevistada tenha um cabelo que se identifica como afro, ela afirmou não o ter, vale ressaltar que alguém poderia identificá-la, pelos seus fenótipos, como branca. A questão

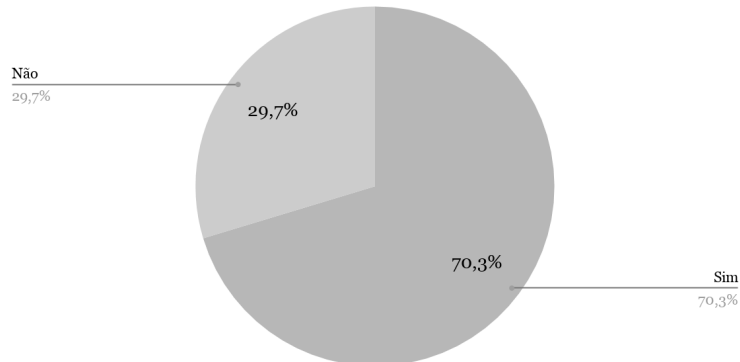
é: o que faz uma pessoa branca mesmo que tenha traços negroides renegar os termos utilizados para categorizar seus traços? Esta pergunta pode levantar a hipótese de que, por mais que o cabelo crespo e cacheado esteja em processo de maior aceitação, os termos que relembram a negritude, como “cabelo afro”, são rejeitados pelas pessoas que, se consideram brancas.

Como você descreve a relação de sua família com seu cabelo?



Observando o gráfico acima mostra a qualidade das relações familiares dos entrevistados quando se trata do cabelo. Analisando-o nota-se que 51,9 % dos entrevistados afirmam que seus familiares já realizaram comentários implícitos sobre os seus cabelos. 7,4% diz que sua família já discriminou o seu cabelo, como já mencionado anteriormente, os primeiros constrangimentos, ocorrem no meio familiar o que agrava mais a situação, já que os comentários familiares são de extrema importância para a formação da opinião deste indivíduo. Além do quê, pode-se perceber que a convivência dos entrevistados com suas famílias acaba se tornando ruim.

Você já passou por algum constrangimento por conta da textura de seu cabelo ?



O gráfico acima apresenta a relação de quantos dos entrevistados afirmaram terem passado por constrangimento por conta da textura de seus cabelos, 70,4% dos entrevistados afirma que sim, já foram constrangidos por conta de seus cabelos. Tal resultado é reflexo de um processo social em que o cabelo Afro é tido como algo que deveria ser negado, algo feio. Pode-se concluir que todos os apelidos e formas constrangedoras que são utilizadas para se referir a uma pessoa de cabelo Afro advêm da herança escravista atualizada diariamente nos anúncios que ressaltam a branquitude como única forma possível de alcançar o belo.

## 5 CONCLUSÃO

O cabelo é um dos principais elementos de confirmação de identidade da população negra e é, também, o símbolo que representa o desafio enfrentado por pessoas que, biologicamente, nasceram com mais melanina num espaço em que ainda prevalecem os padrões de beleza europeus. O ato de ir a um salão de beleza nos leva a ver que o afrodescendente busca não só uma mudança estética. Junto a isso, parece existir, consciente ou inconscientemente, a tentativa de recuperação de sua autoestima, além da construção e reafirmação de sua personalidade e identidade negra frente a uma sociedade que o subjuga. A partir de pesquisa realizada no Instituto Federal do Tocantins-Campus Araguaína, podemos analisar o cabelo como elemento que expressa certa tensão racial vivenciada por negros em ambientes em se predomina a estética branca. O estudo contribui para pensarmos como a identidade negra é construída pela estética do corpo e do cabelo, e como estes espaços de embelezamento acabam se revelando como espaços de afirmação e construção de solidariedade entre estudantes negros, que, ao ver outro com cabelo natural, se inspira e sente que não está só. Concordamos com Gomes (2008, p. 22) “o cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, é também

visto, nos espaços onde foi realizada a pesquisa, no sentido de uma revalorização, o que não deixa de apresentar contradições e tensões próprias do processo identitário”.

## 6 ANEXOS

### 6.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa A POLITICA DO CABELO: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO IFTO CAMPUS ARAGUAÍNA. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O objetivo deste estudo é entender como os acadêmicos do IFTO campus Araguaína utilizam o cabelo afro como objeto de resistência e identidade étnica. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário não identificado-anônimo. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o uso desta informação apenas para o estudo e construção do artigo. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e esclarecido ficará com o entrevistado, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com o coordenador responsável, Hélio Marcio Nunes Lacerda no e-mail [helio.lacerda@ifto.edu.br](mailto:helio.lacerda@ifto.edu.br) ou com o telefone (63)98124-2790.

---

Orientador Responsável

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

\_\_\_\_\_  
Entrevistado

\_\_\_\_\_  
Responsável legal pelo entrevistado (caso seja menor de idade)

Araguaína, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

## 6.2 QUESTIONÁRIO

1- Em relação ao gênero, como você se identifica?

- Masculino
- Feminino
- Outros

2- Você já realizou algum tipo de processo químico que alterasse a textura seu cabelo? \*

- Sim
- Não

3- Você identifica seu cabelo como Afro ? \*

- Sim
- Não

4- Você já passou por algum constrangimento por conta da textura de seu cabelo ? \*

- Sim
- Não

5- Como você descreve a relação de sua família com seu cabelo? \*

- Boa, nunca realizaram nenhum comentário ofensivo ou piadas
- Razoável, existem comentários implícitos
- Ruim, já discriminaram meu cabelo

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, S. **Estudos Avançados. Mulheres em movimento**. São Paulo. Sept/Dec, vol. 17, nº 49, nº 03, 15 de novembro de 2003.

GOMES, N.L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2, 2001,8-11.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, J. S. **A dialética do corpo no imaginário popular**. São Paulo, Editora Pletora, n. 4, p. 46-54.